

Fé e liberdade

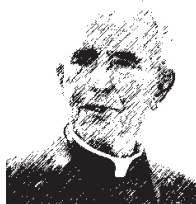
Só Deus é bom e nos dá tudo para o sermos nós também. A Ele toda a glória e louvor.

Em ambiente tão distinto e solene, permitam-me, Vossas Excelências, um modesto desabafo pessoal. Eu não fui programado para receber prémios. Tenho plena convicção disso. Os discursos laudatórios embaraçam-me. Só Deus é BOM e nos dá tudo para o sermos nós também. A Ele toda a glória e louvor.

O único prémio que sempre me atraiu foi o da Vida Eterna, aonde se chega pelos caminhos das bem-aventuranças, da humildade e da prática da Caridade e outras virtudes semelhantes. Mas aceitei estar aqui, porque o próprio título do prémio me convenceu da sua perfeita consonância com os caminhos do Reino dos Céus, onde se encontra, também, a razão de ser desta nossa Universidade Católica Portuguesa. Acresce ainda, que nele são exaltados os méritos e os sacrifícios de quantos edificaram a UCIDT - ACEGE e serviram a causa da paz social em Portugal. A todos, eles e elas, dedico este tão significativo e honroso prémio.

Ao falarmos da Fé e Liberdade, encontramos-nos com duas expressões tão carregadas de valor, tão desejadas e combatidas, tão expressivas da dignidade humana e tão abrangentes de problemas existenciais que nos tocam vivamente.

Muitos homens e mulheres arriscam a sua própria vida pela Fé e pela Liberdade. São valores equivalentes da Dignidade humana. Não se trata, pois, de conceitos abstractos ou especulações científicas ou chavões de algumas ideologias. São realidades muito pragmáticas que envolvem o homem todo e todos os homens e, até, o próprio Deus. Trata-se de um campo aberto onde cabemos todos em corpo e alma.



POR
**Monsenhor
João
Evangelista**

Fundador da ACEGE

Com surpresa total e grande sentido de indignidade fui informado pelo Prof. Dr. João Carlos Espada, de que o meu nome foi incluído com outros dois de personalidades notáveis, para o prémio Fé e Liberdade, a conceder pela Universidade Católica Portuguesa.

Agradei o convite, dei graças a Deus e comecei a pensar no que queriam dizer-me aquelas duas expressões, uma que nos relacionava com Deus, outra que nos conduzia à dignidade da Pessoa Humana; Que mensagem poderiam trazer, unidas na identificação de um prémio, certamente, imerecido a título individual.

Ao criar um prémio com o título “Fé e Liberdade”, a querida Universidade Católica Portuguesa, deixa-nos tomar contacto com a sua própria identidade e com o seu empenho me dar força à ideia de que é preciso envolver os homens com Deus na solução da grave crise que nos afecta. A descrença, ou a recusa da Fé só agrava a situação, é um acto programado contra Deus. Refletem ideias de grupos que a comandam e dirigem. E, sendo contra Deus é contra os homens. Tais circunstâncias pedem respostas bem fundamentadas, abertas e acessíveis ao senso comum e à defesa dos valores em causa.

Como dom de Deus que é, a Fé só é oferecida a quem a deseja. Tratando-se de um dom divino e sendo testemu-

nhado ou trazido por Jesus Cristo, é na sua vida que encontramos os melhores fundamentos para acreditar. Desenvolve-se em diálogo amoroso, moldando as nossas certezas que se vão tornando tão certas e seguras como se a nossa inteligência as tivesse descoberto por si mesma em coerência profunda com os nossos mais vivos anseios de vida em plenitude. Sem o dom da Fé a vida humana fica incompleta. O transcendente é conatural ao homem. Um bom exemplo deste diálogo amoroso encontramos-lo no seu itinerário de conversão à fé, Santo Agostinho (séc. VI) “Tarde vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Estáveis dentro de mim e eu estava fora, e aí Vos procurava; e disforme como era, lançava-me sobre estas coisas Formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Mas Vós me chamaste, clamaste e rompestes a minha cegueira. Exalaste o vosso perfume, respirei-o e agora suspiro por vós. Saboreei-Vos e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e comecei a desejar ardentemente a vossa paz.” (Confissões de Santo Agostinho (Séc. VI)).

Que a Fé é precisa “para responder aos desafios com que nos interpela a actual crise da História” demonstrou-o há 20 anos o Cardeal Ratzinger quando publicou uma colectânea de um conjunto de trabalhos e ensaios orientadas para os crentes e para os que duvidam sob o título “A Igreja e a Nova Europa”, na edição Verbo.

Na Igreja apesar de arredada das fontes do poder civil, surgem sinais de despertar para caminhos novos, para uma nova evangelização. Com a admirável lucidez deste papa Bento e os ensinamentos ainda vivos debaixo das cinzas, a Igreja sabe que lhe compete uma missão salvífica e civilizacional incomparável. A inauguração deste prémio em que a Fé acompanhada pela Liberdade, sintetiza os valores que nos hão-de levar de novo ao progresso e à paz.

E A LIBERDADE?

A filosofia grega deixou-nos duas afirmações que entraram na definição do ser humano “O homem é um ser racional livre”. É pela liberdade que o homem se afirma como tal. “O homem é

um animal “político” que traduzido em expressões equivalentes daria: “sócio”, “ser em relação”. Qual das definições prevalece? Como se articulam? De facto, a Liberdade é um valor ambivalente de sinal contrário. Cobre e dignifica o campo do bem e do mal, do melhor e do pior, do progresso e da corrupção. Nela e com ela procuramos a vida e a felicidade eterna, mas, também, caminhamos pelos caminhos da corrupção, da indignidade, da escravatura e da morte.

Assim, a liberdade torna-se em nós, não apenas um dom, um ornamento espiritual, mas, também, um sério problema que S. Paulo resumia assim: “efectivamente o bem que eu quero não o faço, mas o mal que não quero é que pratico. Se pois faço o que não quero já não sou eu que o realizo, mas o pecado que habita em mim” (Rom. 7, 19)

Quero dizer que a liberdade só por si, sem uma consciência moral iluminada e fortalecida pela Fé, carece do seu amparo e acaba por esvair-se na desordem, nalguma escravatura idólatrica, na mais vergonhosa miséria.

A fé e a liberdade unidas, completam-se e atraem-se.

Diz-nos S. Tiago que “a fé sem obra é morta”. Não é possível imaginar o que sejam “obras da fé” sem liberdade, ou o que seja a liberdade sem a luz da fé.

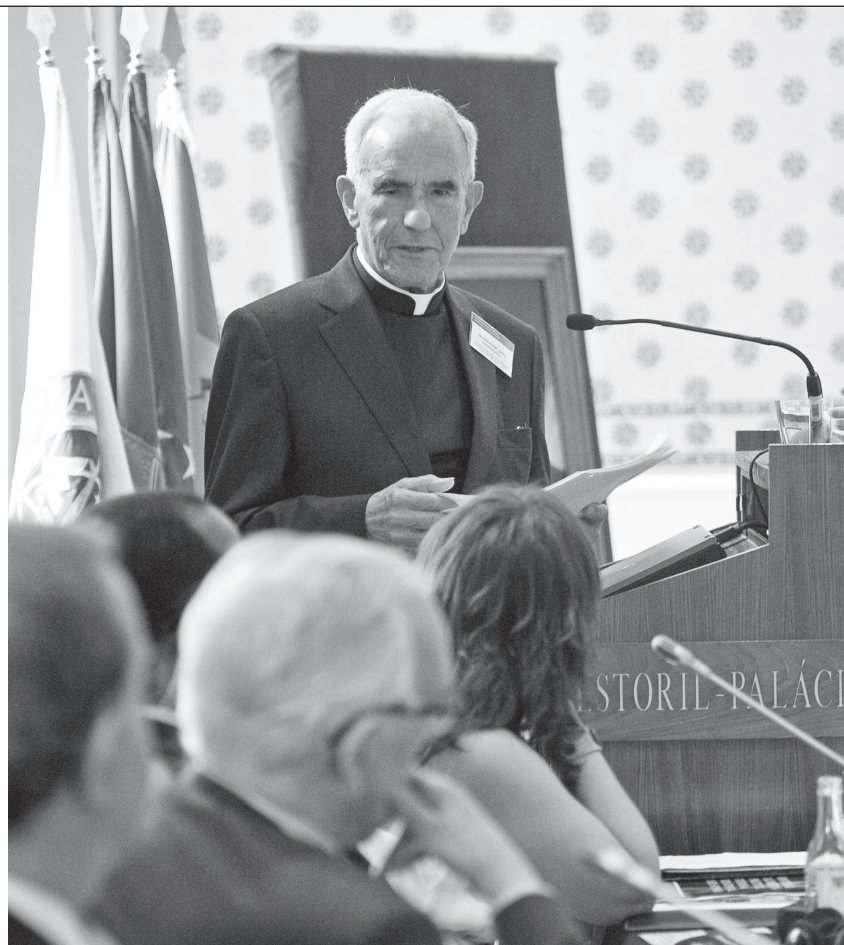
A fundamental distinção entre valores e interesses desapareceria numa sociedade sem Deus. Tudo seria reduzido a interesses, a consciências, a veemências.

Mas viremos a página para a nossa realidade existencial. A Fé e a Liberdade conduzem-nos à descoberta de muitos desequilíbrios sociais entre os quais emerge a pobreza.

Descobrir e agir. Aprender e pôr em prática, captar a doutrina social e aplicá-la à vida. Foi uma caminhada aturada, no rumo da UCIDT – ACEGE que aqui me trouxe e dos seus ideais e programas.

A mensagem do Beato Paulo VI pouco antes da sua primeira vinda a Portugal em 1962, em audiência particular, a isso nos incitou. Vivíamos no tempo em que a luta de classes era a solução para todos os problemas, desde as ideologias, às ditaduras e às grandes guerras que marcaram as nossas vidas. Em nosso modesto nível, procuramos outras soluções para algumas injustiças

Sem o transcendente, o homem refugia-se em si mesmo. Os seus valores confundem-se com os seus interesses, o homem sem Deus passa a contar só consigo e com a sua animalidade e seus ídolos.



sociais sobranes desses conflitos. Algum bem que foi realizado, sempre obra de muitos, deu um grande estímulo aos primeiros associados da UCIDT. Para isso, talvez, tenha contribuído a minha própria formação.

Ainda seminarista, nos bairros mais degradados de Coimbra, integrado num grupo de estudantes, cedo nos apercebemos de que só um voluntariado estruturado em acções solidárias poderia ser eficaz na resposta aos problemas sociais. Foi esta a escola em que iniciámos os contactos com o mundo da pobreza e da miséria e com o mundo do trabalho que lhe ficava anexo.

A pobreza com que lidámos era uma pobreza extrema. Não era só uma “questão de comida e bebida, mas de justiça, de paz e de alegria no Espírito Santo” (Rom. 14, 17). Era a pobreza dos bairros de lata, uma pobreza de promiscuidade, de carências e de explorações de vícios e doenças, de conflitos e, também, de solidariedades heróicas de pessoas que dão a própria camisa do corpo para acudir ao vizinho. Era uma pobreza sem fim, sem solução à vista, só Amor sem fim, a caridade cristã a poderia suavi-

zar. Desafio para a religião, os serviços de Estado, a fé e a liberdade.

Um problema humano como é o da pobreza não se resolve nem só nem, principalmente, com o dinheiro. O que deve orientar todo o bem – fazer, em favor dos pobres, é, seguramente, o critério dignidade da pessoa humana.

Envolvido com as obras de caridade nos bairros periféricos de Coimbra, na peugada do P. Américo; no ensino da catequese, na preparação de colónias de férias e na Capelania do Carmelo, foi-nos confiado a Assistência religiosa, também, à tutoria, à JOC e à LOC diocesanas. Neste contexto surge-nos o eng. José Horácio de Moura, Director dos Serviços de Urbanização do Centro a pedir que o ajudasse no lançamento dum movimento cristão de Industriais, Empresariais e Dirigentes.

FOI UM AMOR À PRIMEIRA VISTA

Ao findar o ano de 1951 fizemos os primeiros convites e encontros que tiveram uma aceitação plena. Com duas ideias – Doutrina Social da Igreja e Empresa.

Houve reuniões semanais e iniciativas de solidariedade com os trabalhadores. Era preciso provar que a convivência de classes não poderia pautar-se por um ambiente de conflitos e luta, mas todos teriam interesse em fazer caminhos comuns: empresários e operários.

Empresários com quem aprendemos tudo ou quase tudo sobre a empresa quer como unidade de produção, quer como centro de trocas, quer como comunidade humana de trabalho foram para nós uma bênção de Deus. Com efeito, ler os textos da Doutrina Social da Igreja ao som das máquinas, discutindo investimentos e riscos, concorrência e modernização, salários e lucros, leis e direitos e tudo à luz da dignidade humana e do Bem Comum é um verdadeiro privilégio que nos foi dado a partilhar.

Foi assim, que nasceu o Centro Operário Católico da Conchada, as cooperativas de auto - construção em Coimbra, em Aguiar da Beira e em Lisboa. Os pobres habitantes de barracas, mais de 600 famílias proletárias tornaram-se proprietários das suas próprias casas.

Também nos congressos e grandes encontros da UCIDT, ou da JOC, ou nas jornadas de estudo, era normal haver representantes dos operários e empresários. Muitos serviços sociais das empresas receberam grandes melhorias, alguns passaram mesmo a ser auto geridos.

A empresa foi o tema mais tratado nas reuniões de estudo e em Congressos. A empresa passou a ser entendida como Comunidade Humana de trabalho e escola da vida. Trabalhar para comer é lei muito antiga, a que está ligado ao suor do rosto. Na empresa moderna cresce, sobre as tradições antigas, a exigência de novos saberes, de novas qualificações entre as quais um bom relacionamento. Ora o verdadeiro bom relacionamento necessário para obter bons resultados materiais, é o mesmo da formação moral da consciência. Assim, ao esforço necessário para conduzir bem a empresa e obter bons resultados, aproxima o gestor do cultivo de valores morais. Isto é, o trabalho organizado contribui para o aperfeiçoamento moral dos homens.

A ACEGE valoriza a competência profissional ao mesmo nível da honestidade moral e da solidariedade associativa entre os agentes económicos.

Foi isto mesmo que ouvimos do Papa

beato Paulo VI na audiência privada concedida à UCIDT em 1962 em Roma.

O estudo e ensino da ética para o qual demos algum contributo teve, recentemente, um forte incremento nas suas vertentes de aplicação às profissões mais directamente comprometidas com a dignidade da pessoa humana. O problema mais discutido na ética é a sua fundamentação lógica, coerente e objectiva. Em que se baseia a ética para urgir a obrigação de fazer o Bem? Ha-



Deus posto de lado na consciência dos homens ou nas estruturas da sociedade humana deixa um vazio tão grande que vai acabar por desumanizar o próprio homem, inverter o caminho do progresso, reinventar um novo ciclo da história.

verá um fundamento objectivo para dar vida a um código de ética?

A ideia do Bem Comum universal, sobre a qual colocamos os princípios da Ética não pode sobreviver por si mesma. Precisa de algum modo recorrer ao transcendental. “A ideia de bem comum universal”, afirma o Cardeal Ratzinger no seu livro sobre a Igreja e a Nova Europa, perg. 95, ”, torna-se ideia eticamente válida e, portanto, digna do Homem, com a condição de nos esforçarmos por aprender novamente a distinção socrática entre o bem e os bens. Mais uma vez, somos remetidos ao ethos considerado como fundamento do autêntico bem-estar.”

Deus posto de lado na consciência dos homens ou nas estruturas da sociedade humana deixa um vazio tão grande que vai acabar por desumanizar o próprio homem, inverter o caminho do progresso, reinventar um novo ciclo da história. Sem o transcendente, o homem refugia-se em si mesmo. Os seus valores confundem-se com os seus interesses, o homem sem Deus passa a contar só consigo e com a sua animabilidade e seus ídolos. Deus é absolutamente necessário ao homem para ser um homem dignificado e livre.

Concretizando na argumentação da UCIDT - ACEGE as nossas preocupações associativas podem sintetizar-se assim:

- 1ª Grande preocupação o bem da paz social. Em meados do século XX a ideia da guerra dominava, ainda, muito os espíritos dos homens. A conflitualidade era alimentada, sobretudo, pelos ideais marxistas - comunistas que não se limitavam a agir no domínio da justiça social. O seu projecto incluía na luta de classes como solução das injustiças sociais, uma nova ordem baseada na mais fanática recusa de Deus e de todo o sobrenatural. Era e foi uma revolução anti capitalista e anti teísta e anti humanista. Era uma subversão política, religiosa e civilizacional que vivia da guerra e para a guerra. Hoje já não será assim, mas a maioria das greves, ainda, visa fins, marcadamente políticos, apoio a causas que derrotadas em eleições democráticas, querem ter força no âmbito político. A paz social pede e apoia outros ideais.

Os líderes políticos não marxistas envolveram-se com um agnosticismo farisaico em total oposição à acção da Igreja. Infiltravam-se nas organizações católicas, impediam-nas de realizar os seus objectivos.

- 2ª Doutrina Social da Igreja - Prato forte das reuniões de trabalho.

- 3ª Empresa. Unidade de Produção - O poder na empresa. Centro de Trocas - O preço justo das coisas e do trabalho humano. Comunidade humana - Formação.

- 4ª Valorização espiritual dos associados. Roma e Fátima, S. Nicolau, Carmelo de Coimbra, Sé Velha

- 5ª Solidariedade com os desprotegidos. Serviços Sociais das Empresas Cooperativas de Auto Construção.

A Doutrina Social da Igreja apareceu

como uma tomada de posição da Igreja nas graves consequências da revolução industrial que reduziu o trabalho a um simples factor de produção sujeito às regras da oferta e da procura e transformou muitos trabalhadores em escravos, a viverem nas piores condições de vida. Tomar posição para a igreja era diminuir a questão prévia da justiça, da dignidade da pessoa, do valor intrínseco do trabalho (salário), da propriedade privada, do exercício do poder, da legitimidade das leis, da solução dos conflitos emergentes (greve), do associativismo como expressão de liberdade e de agente libertador.

A integração jurídico - canónica na estrutura da igreja não contém nenhuma vinculação pessoal a fé católica, qualquer crente pode aderir. É-lhe reconhecida autonomia administrativa e disciplinar. A vinculação é espiritual e moral tanto institucionalmente como a nível pessoal, segundo normas estatutárias aprovadas no Patriarcado de Lisboa, contando sempre com o acompanhamento de um Assistente eclesiástico.

A terminar, três votos:

O primeiro para a Universidade Católica Portuguesa e para o seu Instituto de Estudos Políticos, para o seu magnífico Reitor, Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz e para o Prof. Doutor João Carlos Espada, para o ilustre corpo docente, colaboradores e alunos, lembrando uma palavra do Senhor Jesus: “vós sois o sal da terra e a luz do mundo” que, também, se aplica a vós e da qual tendes dado provas excelentes.

Tendo encontrado a vossa identidade específica que o prémio “Fé e Liberdade” ajuda a testemunhar como valores nobres integrados e integrado-

res da cultura portuguesa, é-vos devido uma profunda gratidão pelo convite tão amável que nos dirigistes.

A Fé exige obras em que a Liberdade brilhe. As obras da Fé na Liberdade são o Amor, o dar-se e servir, o secundarizar os interesses aos valores, o fazer render os próprios talentos. Não é pequeno o encargo que assumimos. Deus não nos faltará e que assim sendo Deus vos pague.

O segundo voto é para a ACEGE. À ACEGE por cujos caminhos aqui cheguei. Aos seus Dirigentes, assistentes eclesiásticos, Executores dos programas, projectos e contactos, aos muitos associados em todo o país: saúdo com muito respeito e amizade.

A experiência que nos foi dada a viver ao longo de tantos anos é hoje um património digno da nossa cultura, fruto do muito esforço e dedicação de muitos empresários e gestores e dirigentes de trabalho. Frutificou a consagração feita e reafirmada da UCIDT e da ACEGE à Mãe do Céu em Fátima, a responsabilidade dos dirigentes nacionais e regionais, a sempre discreta e empenhada colaboração dos Assistentes, e a preciosa ajuda da Comunicação Social.

Não é fácil a missão do Empresário hoje. As circunstâncias não favorecem. As turbulências incentivadas pelo forte, anónimo e implacável, a perda da sua identidade de instrumento, seu crescente domínio do poder e valorização dos ricos e com o desprezo dos pobres não pressagiam tempos fáceis. Este capitalismo onnipotente não serve o Bem Comum.

Precisamos de reavivar a fé cristã. “A fé cristã cria à volta da razão prática o espaço vital em que desenrolar as suas

potencialidades. A moral que a Igreja ensina não é uma carga destinada aos cristãos, mas sim a defesa do homem contra a tentativa de o eliminar ... a fé cristã é o posto avançado da liberdade humana” (Card. Ratzinger. A Igreja e a Nova Europa. Verbo pg. 28).

Que Deus vos encoraje e anime.

O terceiro voto é dedicado à liberdade do povo, de que fazemos parte à nossa liberdade colectiva.

Temos um regime democrático livre. Temos eleições livres, temos um voto cuja liberdade merece ser sempre salvaguardada para dar corpo ao sonho: “O povo é quem mais ordena”. O voto livre será como o sangue no nosso corpo, levará o oxigénio da liberdade a toda a máquina das eleições e dos partidos.

Na minha leitura haverá lacunas e desconhecimentos; normais em quem não é político.

Ao aproximar-se um acto eleitoral apelo, como é habitual, ao voto em consciência, mas fico amargurado porque a liberdade do voto não está garantida nos seus elementos essenciais. Muito poucos sabem o quê ou em quem votam.

As campanhas eleitorais são demasiado festivas, publicitárias, dispendiosas e demagógicas que não ajudam nada a transmitir o conteúdo dos programas políticos a ser votados.

Os candidatos são praticamente desconhecidos e não se dão a conhecer suficientemente como candidatos. Porque não pedir-lhes um cartão que contenha alguma informação sobre a sua personalidade social, ideias que serve, valores que cultiva, com quem vive e convive e experiências de voluntariado em que se empenhou?

A liberdade do voto é o ponto de partida da democracia. A propaganda “Votem em nós, porque somos os melhores” é comum a todos os pregões partidários.

Parece-nos que desqualificam a própria democracia, caricaturam a liberdade e correm o risco de poluir o sistema com uma espécie de partidocracia conflituosa.

Eu acredito que a Fé e a Liberdade trazem a paz ao povo, vencem todas as crises, valem muito mais do que os sacrifícios que pedem.

O meu voto final é que Deus não nos desampare e fique sempre connosco. ■



A Doutrina Social da Igreja apareceu como uma tomada de posição da Igreja nas graves consequências da revolução industrial que reduziu o trabalho a um simples factor de produção sujeito às regras da oferta e da procura e transformou muitos trabalhadores em escravos